

Memória discursiva e interdiscursividade: um diálogo entre gerações na (des)construção da Amélia

José Domingos
Carla Tamires Pereira Bezerra

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar discursivamente estereótipos femininos que circulam na mídia. Para tanto, utilizamos como *corpus* as letras das canções “Ai que saudade da Amélia”, de Mario Lago e Ataulpho Alves, produzida no ano de 1942. Em contraponto, destacamos a música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty e Martin Mendonça, produzida no ano de 2009. A análise do corpus está centrada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, sobretudo nos conceitos de memória discursiva e interdiscurso. Assim, observamos o processo de desconstrução do estereótipo “ameliano” e o modo como o mesmo se materializa em diversos enunciados.

Palavras-chave: Amélia. Memória discursiva. Interdiscurso.

Discursive memory and interdiscursivity: a dialogue between generations in the deconstruction of Amelia

Abstract: The analysis of the corpus is centered in the theoretical assumptions of Discourse Analysis, especially in the concepts of discursive memory and interdiscourse. Thus, we observe the process of deconstruction

José Domingos. Docente do departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Carla Tamires Pereira Bezerra. Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

of the “ameliano” stereotype and the way in which it materializes in several annunciation.

Keywords: Amelia. Discursive memory. Interdiscourse.

Introdução

Objetivamos analisar alguns lugares discursivos acerca da mulher postos em circulação na mídia. Destacamos como materialidade discursiva do nosso artigo o estereótipo “ameliano” presente nas canções “ai que saudade da Amélia” e “desconstruindo Amélia”. A partir disso, discutimos as relações entre estas duas emergências enunciativas e de que forma ocorre nessa produção musical a desconstrução de um padrão idealizado pela sociedade. Um dos principais elementos que destacamos é a forma como ocorre essa relação mulher e sociedade: a valorização de uma manifestação artística está diretamente ligada aos valores sociais de uma determinada sociedade? Sendo a sociedade dinâmica, passível de transformações sociais e culturais, como é possível reconstruir os valores atribuídos socialmente às mulheres? De que forma a mídia exerce um papel na tentativa de (des)construção de paradigmas e empoderamento feminino?

Diante de todas essas inquietações, que certamente pairam sobre o trabalho aqui proposto, um dos aspectos que nos interessa ressaltar diz respeito ao corpus aqui apresentado, e os possíveis efeitos de sentido que produzem socialmente, estabelecendo outras possíveis posições enunciativas para os sujeitos.

Analisamos os lugares discursivos construídos historicamente para as Amélias, em que as mesmas já não se configuram mais

como apenas um simples nome próprio, mas um signo carregado de valor ideológico, e historicamente marcado desde o surgimento da música “Ai que saudade da Amélia” e atravessado por sujeitos distintos que nos revelam lugares discursivos que se contestam. Em um primeiro momento, temos uma Amélia esboçada sobre o viés masculino em um determinado período histórico, em que já se constituía um momento de rupturas de paradigmas no âmbito feminino. Posteriormente, temos um sujeito que reflete sobre sua própria condição, enquanto mulher.

A nossa análise é feita a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa. Exploramos as noções de interdiscursividade e memória discursiva. Analisamos nos enunciados as vozes presentes no estereótipo “ameliano”, observando de que forma as condições de produção se inscrevem na materialidade enunciativa.

No primeiro tópico debruçamos sobre a formação teórica da Análise do Discurso e suas respectivas épocas históricas. Os conceitos de memória discursiva e interdiscurso são constituintes das bases teóricas do trabalho em relação ao *corpus*. No ponto “A (des) construção da Amélia” é delimitado a constituição do *corpus* no seguimento das desconstruções de estereótipos femininos.

A proposta do trabalho nasceu justamente pelo fato da existência de vários estereótipos femininos que, normalmente, deixam as mulheres à margem da sociedade em detrimento do sexo oposto. Seguindo essa perspectiva, o trabalho aqui proposto poderá contribuir de forma efetiva para o reconhecimento desses modelos naturalizados pela sociedade, e dessa forma gerar uma visão crítica da

comunidade acerca desses lugares discursivos construídos historicamente sobre a mulher.

Contextualizando a teoria

No que concerne à teoria, enveredamos pela Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Essa teoria apresenta três épocas, AD1, AD2 e AD3, que consistem em mudanças teóricas, assim como reelaboração de conceitos.

Fundador da escola Francesa de Análise do Discurso, Pêcheux Pêcheux (1990) argumenta que a ideologia se manifesta na/pela linguagem, e apresenta a teoria em três épocas.

A AD-1 é uma época caracterizada por uma maquinaria discursivo-estrutural, que configura o processo de produção discursiva como autodeterminado e fechado em si. Nesse sentido, os sujeitos acreditam ser produtores de seus discursos, porém não passam de assujeitados. Na segunda época, AD2 surge o conceito de formação discursiva, conceituado por Michel Foucault (1995), esse dispositivo teórico que desencadeia o processo de transformação na concepção do discurso. Nesse contexto de reformulação teórica aparece a noção de interdiscurso, designando o exterior de uma formação discursiva. A noção de sujeito permanece como efeito de assujeitamento à formação discursiva a qual ele se identifica.

Na terceira época, AD3, a ideia de homogeneidade enunciativa é abandonada como resultado da interação cumulativa de momentos de análise linguística e discursiva, e passam a ser abordadas as reflexões sobre o viés da heterogeneidade. Neste momento, há o predomínio da interdiscursividade, caracterizada pelas relações que são

estabelecidas entre os diversos discursos. Temos ainda um sujeito manifestado pela relação com o outro, dividido, disperso, ocupando sociodiscursivamente vários lugares. Em cada um desses espaços os sentidos dos seus enunciados mudam.

A Análise do Discurso, pelo seu caráter interdisciplinar, nos permite refletir e analisar sobre outros campos de conhecimento, a partir das teorias sobre a produção dos sentidos sociais. Dessa forma, o analista recorre a outras searas teóricas exteriores à Linguística, e as leva para o interior desta. Isso possibilita explorar as representações femininas na sociedade, a partir de uma construção histórica.

Memória discursiva e interdiscurso

No interior do arcabouço teórico da AD, a noção de memória discursiva não se refere as nossas lembranças, mas, a uma memória social construída no social histórico, ou seja, uma memória coletiva de um determinado grupo social. Conforme Pêcheux (1999, p.52), a memória consiste em:

Aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os “implícitos”(quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Dessa forma, o leitor de um determinado enunciado, para a construção de sentido estabelece relações com o já-dito a partir de uma lembrança coletiva, de forma consciente ou inconsciente, que podem ser refutadas ou reformuladas.

Os enunciados carregam consigo suas condições de produção, portanto, a historicidade se faz presente na materialidade discursiva. Segundo Fischer (2001, p. 204) os atos enunciativos “se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de acordo com um certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo”. Dessa forma, na música “Desconstruindo Amélia” a compositora retoma um já-dito presente na música “Ai que saudade de amélia” na tentativa de ressignificar essa representação feminina de acordo com o atual contexto vivido, no caso o ano de 2009. Conforme Foucault (*apud* COURTINE 2009, p. 15) há um “domínio de memória, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados “preconstruídos”, de que sua enunciação se apropria”, ou seja, o discurso possui outras fontes enunciativas presentes no imaginário coletivo, em que o leitor as reconhece e reconstrói o sentido a partir da memória discursiva.

A presença de outras vozes no discurso, a exemplo do nosso *corpus* sobre o estereótipo “ameliano”, nos leva à noção de interdiscursividade, em que um discurso é constituído por outros discursos, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem produzidos. De acordo com Fischer (2001, p. 212) “considerar interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso”. Compreendemos que os discursos são atravessados por outros, e que se constituem a partir de uma referência anterior. Essa dispersão dos sujeitos e dos enunciados se faz presente

no *corpus* aqui analisado, em que os discursos se reformulam e se contestam a partir da mesma materialidade discursiva, e o que demarca essas contradições no âmbito dos discursos são as posições ideológicas.

Conforme Foucault (1995, p. 112), “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. Os enunciados são constituídos por outros, a partir de diferentes momentos históricos e lugares sociais, dentro de uma formação discursiva. Ao analisarmos discursivamente o título da canção “Desconstruindo Amélia” podemos verificar que o mesmo é povoado por outros discursos, como por exemplo, o estereótipo ameliano da canção “Ai que saudade da Amélia”, e também pelo discurso feminista de desconstrução de paradigmas sociais. É por meio desse entrelaçamento de discursos que podemos perceber a noção de interdiscurso

A (des)construção da Amélia

Na sociedade pós-moderna existe uma crise de identidade devido à fragmentação dos indivíduos, que possuem traços identitários de diversas culturas. Todos agem de forma diferente de acordo com o contexto histórico, e com a advento da tecnologia, essa crise se tornou algo mais comum. Segundo Hall (2006, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Conforme o autor, isso ocorre devido ao descentramento do sujeito. Dessa forma, os efeitos de sentido produzidos pelos suportes dis-

cursivos aqui analisados, produzem efeitos na construção da identidade feminina, e o seu papel na sociedade contemporânea.

Os conceitos, a sociedade, os valores sociais, as formas de ver o mundo e compreendê-lo, as relações sociais, as ciências, assim como os discursos estão em constantes transformações, reformulações. As características e papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens são produzidos e modificados de acordo com o contexto histórico no qual estão inseridos. As desconstruções de paradigmas estão diretamente ligadas à forma de pensar da sociedade, portanto, passível de reconstrução. As mulheres passam por diversos processos identitários, ora se mantém pela história, ora são reformulados pelo presente.

Atualmente, existe uma geração de mulheres fortes e independentes, mas traumatizadas com o sentimento de inferioridade de quando o empoderamento feminino não existia, desprendidas e livres de vários tabus, mas aprisionadas em sentimentos passados. Segundo Simone de Beauvoir (1980, p. 9):

A relação entre os dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.

Na perspectiva da autora, o homem tem o domínio sobre os discursos de tal forma que o designamos como generalização ao nos referimos aos seres humanos, enquanto a mulher permanece na obscuridade. É a partir dessa relação que tomamos como análise a

canção “Ai que saudade da Amélia” produzida em 1942, que remonta uma mulher discursivizada a partir do viés masculino, e que por muito tempo permanece na memória social.

Os efeitos de sentidos produzidos por uma materialidade discursiva estão relacionados à dimensão linguística, aspectos históricos e sociais, condições de produção e a formação ideológica dos sujeitos, assim como os lugares que ocupam socialmente. Desse modo, a história se inscreve no discurso para produzir sentidos. Em relação à emergência dos enunciados em um acontecimento discursivo, Foucault (2007, p. 39), postula: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”. Seguindo essa perspectiva, os discursos possuem “regras” que os regem, que faz com que o mesmo apareça em um determinado contexto e não em outro.

No contexto histórico de 1942, em que emerge o estereótipo ameliiano na canção “Ai que saudade da Amélia”, era comum as mulheres serem discursivizadas a partir de “qualidades” como não possuir vaidade e viver para agradar ou servir o homem. No atual contexto, esse tipo de discurso não é tolerado com a mesma naturalidade. Segundo Foucault (1996), essa relação acontece a partir de um discurso verdadeiro, em consenso com a vontade histórica da verdade. Portanto, o discurso moralizante masculino, na música em questão, se apoia em outros saberes para constituir sua legitimidade.

Amélia é retratada pelo viés masculino, portanto, a representação feminina é vista sobre o olhar machista daquela sociedade, pois o sujeito discursivo se expressa a partir de um conjunto de outras vozes constituintes de uma realidade social. O título da canção “Ai que saudade de Amélia” já delimita uma saudade daquela mulher que não existe mais, e que só restou a saudade do modelo submisso julgado pelo sujeito

como uma “mulher de verdade”, ou seja, o contexto já se configurava um momento de rupturas nos valores sociais atribuídos as mulheres.

Observemos a primeira estrofe da composição musical:

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Nem vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Destacamos uma “voz masculina” que descreve uma relação que possui com uma mulher a qual ele julga exigente por ser vaidosa, porque almeja uma vida luxuosa, e que, o faz sentir saudades da Amélia, que na visão do sujeito era uma mulher de verdade, diferente da sua atual companheira. Conforme argumenta Pêcheux (1997, p. 190) sobre as produções de sentido:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “si mesmo” mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Nessa perspectiva, podemos concluir que as palavras não possuem o sentido de forma isolada, ou na sua forma dicionarizada, mas sim em relação ao discurso e as condições de produção. Ao destacarmos a palavra “aquilo” denominado pela gramática tradicional

como pronome demonstrativo dentro do enunciado “aquilo sim é que era mulher” podemos compreender uma determinada ideia de coisificação da mulher, pois é comum usar esse termo ao referirmos a objetos. Assim como, a mulher que o sujeito possui uma relação, por não reproduzir o padrão de Amélia, é considerada fútil. Desse modo, o efeito de sentido provocado pela escolha lexical de determinados sujeitos, revela um lugar sócio-histórico-ideológico.

Vejamos a segunda estrofe da canção:

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: “Meu filho, o que se há de fazer!”
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade

A saudade de Amélia surge da vontade de ter aquela mulher, que vivia para agradar o seu parceiro, pois diferente da sua atual companheira, Amélia se calava diante de tudo, não possuía nenhuma vaidade, e devido a todas essas “qualidades” era considerada uma “mulher de verdade”. Sendo assim, é possível concluir que existe um atributo de verdade, mas o que é ser “mulher de verdade”? As repostas a essa pergunta podem ser várias e todas estarão ligadas a restrições de comportamento. São enunciados como: “mulher de verdade não faz isso” “mulher de verdade não usa essa roupa” “mulher de verdade obedece ao seu marido”, “mulher de verdade sabe se valorizar” entre outras. E qualquer desvio desse padrão, uma roupa, uma escolha “errada”, um relacionamento e a mulher não pertence

mais a esse padrão que é “ser mulher de verdade”. A saudade de Amélia não é de uma mulher específica, mas de um ser idealizado.

Foucault (1995) nos mostra que o discurso só é possível no interior de uma ordem, que o sujeito e uma época só dizem o que é permitido dizer. Segundo o filósofo francês, quem detém o saber é dono do poder, e é através dele que produzimos o poder. Diante disso, surge um outro discurso sobre a Amélia, legitimado pelos saberes de uma época, neste caso, o contexto da contemporaneidade em que é produzida a letra de “Desconstruindo Amélia”.

Seguindo a perspectiva foucaultiana, as materialidades discursivas constituem os sujeitos e os lugares de onde falamos, e a mesma se mantém ou se reformula de acordo com o processo histórico e a vontade de verdade de uma época. Diante disso, o discurso do estereótipo ameliano é reformulado, transformado de acordo com os aspectos sociais e históricos. Aquela Amélia discursivizada no século passado não condiz com dada ordem discursiva do presente, embora aqueles dizeres se mantenham em vários outros suportes discursivos e presentes na memória coletiva. Sendo assim, o “sujeito Amélia” foi se transformando a medida da atualização dos discursos resultando em outra possível leitura, produzindo outros efeitos de sentido. Em síntese, é a reformulação de um enunciado estabilizado anteriormente, e que pode ser transformado futuramente a partir do processo histórico. Tal movimento corrobora para a construção identitária do que compreendemos por mulher em dado momento histórico.

Sobre a materialidade discursiva, Foucault (1995, p.121) pontua que:

aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferência e a modificações

possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou rivalidade. (FOUCAULT, 1995, p. 121).

Dessa forma, se na música “Ai que saudade de amélia” a mulher é caracterizada como quem vive para servir, na canção “desconstruindo amélia” a mulher é retratada por um viés feminino, e esboçada como um ser forte e independente e que já não vive mais à sombra de um homem. O signo “Amélia” é posto em contestação e ganha outro significado a partir de outro acontecimento discursivo. Para Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente)” (1990, p. 53).

Seguindo essa perspectiva, a canção “Desconstruindo Amélia” retoma um já-dito e o nega. A primeira estrofe da canção é apresentada a seguir:

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar
O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

A dispersão dos sujeitos na sociedade pós-moderna, em que é instaurada uma crise de identidade, corrobora para um contexto de desconstrução de paradigmas e surgimento de outros. Tomando como parâmetro o título da canção “desconstruindo amélia” é evidente a ideia da desconstrução do estereótipo ameliano, é um momento de reconstrução dos valores atribuídos as mulheres, um contexto de libertação feminina, e essas condições de produção se inscrevem nesse discurso. A outra Amélia, nesse primeiro momento, é apresentada em consonância com a Amélia da década de 1940. A mulher que serve e cuida dos outros, menos dela, pois ela foi moldada culturalmente para ser prendada, e os seus desejos ou anseios não importa. Desse modo, o discurso sobre o estereótipo ameliano é formado a partir de uma memória discursiva, ou seja, de um já dito, que se contradiz, pois, os discursos são atravessados por outros, Segundo Orlandi (2003, p. 31): “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

No contexto da contemporaneidade em que emerge o discurso sobre a outra Amélia, a partir de um sujeito que fala da sua própria condição, enquanto mulher em consonância com o discurso feminista de empoderamento feminino. Em Scott (1992, p. 67) lemos que “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência” (1992, p. 67) O lugar discursivo para Amélia nesse contexto ganha outros significados.

A segunda estrofe da canção ilustra um novo discurso:

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

Nessa passagem é notável a presença da desconstrução da Amélia que durante muito tempo aceitou a condição de submissa, inserida em uma posição de inferioridade. Ela agora assume a direção da sua vida e decide não viver mais à margem, à sombra. O enunciado “ faz questão de se cuidar” remonta a Amélia discursivizada no século passado, que não possuía vaidade, pois essa faz questão de se cuidar. A partir de uma análise interdiscursiva, são percebidas as ideias de Beauvoir (1980) em relação a categoria do outro, no enunciado “Já não quer ser o outro/ hoje ela é um também”. No mesmo trabalho a autora nos lembra que, a mulher está na categoria do outro em relação ao sexo oposto, essa oposição é considerada a partir de um grupo que segundo a visão de outro grupo não são iguais, mas se constitui como o outro. Conforme a Beauvoir (BEAUVOIR, 1967, p. 90):

Na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse *para si* em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens.

A canção propõe não só a desconstrução de Amélia, mas das mulheres enquanto o outro em relação ao homem, pois hoje ela é um também. Esse discurso, ao mesmo tempo em que retoma formulações anteriores, produz outros efeitos de sentido, é um entrecruzamento de discursos, que ora se estabiliza, ora se desestabiliza a partir de uma atualização ou de um acontecimento discursivo, e que de certa forma constituem identidades.

A terceira e última estrofe da canção afirma que:

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber
Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Diante disso, entramos no mérito de desigualdade salarial, presente na sociedade, pois apesar de todas as conquistas e a ascensão feminina, ainda existe uma desigualdade entre os gêneros no campo profissional, em relação a diferença salarial, a ocorrência de assédio moral e sexual no local de trabalho. O discurso de “incompetência feminina” é algo presente no âmbito profissional, ora acontece de forma sutil, ora em forma de assédio. Segundo Louro (2003, p. 22), “as justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de

representação” (2003, p. 22). Nessa perspectiva, as origens das desigualdades estão no interior das construções sociais.

É importante ressaltar a menção que a canção faz as diversas representações femininas, a mãe que trabalha que também é do lar, e também da night, ou seja, é representação dos mais variados lugares sociais.

A desconstrução de paradigmas sobre o feminino é de larga extensão nas práticas discursivas, desmistificando o discurso de que a mulher só é feliz devido ao matrimônio. De acordo com Del Priore (2000, p. 52), “Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (2000, p. 52). Desse modo, a sociedade espera que as mulheres ocupem o papel de mãe e do lar.

A canção “desconstruindo Amélia”, possui em si uma ideia de repensar os estereótipos femininos e promove a liberação da mulher para ser quem quiser. A mulher na sociedade contemporânea vive um momento paradoxal, a partir de uma posição delimitada por uma herança histórica de ser esposa e mãe, e o poder de se fazer sujeito da sua vida, e de escolher seu futuro, a partir de uma equidade entre os sexos.

Considerações finais

Os discursos sobre o feminino aqui analisados se constituem a partir de manifestações artístico-discursivas como as canções. Estes dizeres são entretecidos pelos aspectos históricos, sociais e ideológicos. Durante o desenvolvimento do artigo exploramos os pos-

síveis efeitos de sentido através da perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa. A partir das contribuições teóricas de Foucault exploradas no trabalho, destacamos as relações de poder e saber, e a ordem discursiva histórica que rege o discurso, possibilitando a compreensão da emergência dos enunciados em um acontecimento discursivo. Os conceitos de memória discursiva e interdiscurso remontam os lugares que constituem as enunciações, que tornam possíveis outros efeitos de sentido.

Através do *corpus*, podemos verificar uma visão sobre as mulheres a partir de diferentes perspectivas. Entendemos que, é um período de reflexão sobre os papéis destinados culturalmente as mulheres e das possibilidades de serem livres das imposições sociais, tabus e limitações. A desconstrução de estereótipos femininos é algo que ocorre gradualmente. Compreendemos, a partir das canções analisadas, que é necessária uma intervenção popular para contribuir com a luta para uma sociedade mais justa.

Portanto, é preciso rever conceitos, deslocá-los e, verdadeiramente, repensar a questão da representatividade feminina, pois a saudade da Amélia não só reside, como persiste na sociedade atualmente, atualizada em outros discursos machistas em que prevalecem a submissão e inferiorização feminina.

A sociedade do presente assume uma posição crítica em relação aos valores atribuídos historicamente às mulheres. É um momento de reconhecer o lugar de fala das mulheres e só assim será possível estabelecer a equidade entre os gêneros. Compreender que todos esses discursos, em que emergem os modelos femininos sobre o olhar moralizante ou estereotipado e o discurso da desconstrução de paradigmas, se manifestam através da língua é um grande passo. Igual-

mente importante foram as contribuições do movimento feminista para as mulheres, que apesar das lutas, das transformações e mudanças, o caminho para se repensar os padrões historicamente construídos sobre o feminino ainda está em curso.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. A Arte da Sedução: Sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. V. II. Tradução Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e os esquecimentos na enunciação do discurso político. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L. (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. p.15-22. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzatto, 1999.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. *Identidade e pós modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

LOURO, Guacira. Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PECHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

Semântica e discurso – Uma crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PRIORE, M. D (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.